



# Cidade-Jardim

A criação do movimento Cidade-Jardim, antes mesmo das primeiras experiências construídas na Inglaterra e de sua ampla difusão como modelo urbano, remonta à publicação, em 1898, do livro de Ebenezer Howard *To-Morrow: a peaceful path to real reform* [*Para-Amanhã: um caminho pacífico para a reforma autêntica*, em tradução livre], reeditado pelo próprio Howard em 1902, quando passou a se chamar *Garden Cities of to-morrow* [*Cidades-Jardins de amanhã*] (HOWARD, 1898; 1902; 1996). Inspirado em um romance utópico de Edward Bellamy, o livro apresenta uma visão de cidade ideal como alternativa aos rumos da industrialização e logo tornou-se um documento paradigmático para o urbanismo moderno (CHOAY, 1992; HARVEY, 2006; TREVISAN, 2020).

A proposta de Ebenezer Howard para resolver os problemas das cidades inglesas consistia em aliar as qualidades do campo às da cidade em um único espaço. O autor respondia às péssimas condições de vida a que a maioria da população inglesa estava submetida, marcada pela insalubridade e ocorrência de epidemias. O autor expõe de forma clara as vantagens e desvantagens do campo e da cidade: se, por um lado, a cidade traz muitas oportunidades de lazer, nela as longas jornadas de trabalho são exaustivas; a cidade é onde se encontram altos salários, oportunidades de emprego e progresso, mas os aluguéis e custo de vida são mais altos, além da poluição. No campo, destaca-se a presença da natureza, a pureza do ambiente, os aluguéis mais baixos, assim como o custo de vida, mas contrapõem-se a isso os baixos salários e a falta de diversão.

O autor apresenta um diagrama que sintetiza seu pensamento, composto por três ímãs que capturam o que há de bom em cada ambiente – o urbano e o campo – para compor uma condição ideal de cidade. Os Ímã-Cidade e Ímã-Campo atraem para seus respectivos campos magnéticos as vantagens e desvantagens de cada local. Para Howard, as condições isoladas não proporcionariam ao homem uma vida plena, com isso os dois ímãs devem tornar-se um só, o Ímã Cidade-Campo. A cidade foi concebida em um terreno de 2.400 hectares, ocupado a partir de um centro com superfície de 400 hectares. Em outro diagrama de Howard, uma forma circular com raio de 1.130 metros é marcada por seis bulevares de 36 m, que atravessam a cidade do centro à circunferência externa, arborizados, assim como todas as ruas da cidade. A avenida central, com 125 m de largura, forma um cinturão verde de mais de 5 km de comprimento envolvendo a cidade e a divide em duas partes que se estendem, formando um parque adicional de 50 hectares. Nesta avenida haveria seis áreas, cada uma com 1,5 hectares, ocupadas por escolas públicas e pelas quadras de jogos e jardins. Outras áreas seriam destinadas a igrejas, cujas denominações seriam determinadas pela população de acordo com suas crenças.

A região agrícola seria explorada e cultivada individualmente em forma de fazendas grandes e pequenas, com os resíduos da cidade sendo reaproveitados como adubo. A Cidade-Jardim pressupunha grande liberdade no modo de cultivo e na organização dos trabalhadores, podendo haver um só proprietário ou mesmo uma cooperativa deles. A liberdade econômica é outro fator a ser apontado, pois a venda da produção da cidade, agrícola ou manufatura, poderia ocorrer dentro da cidade ou fora dela. O monopólio no fornecimento dos serviços comuns à população, algo comum nos dias de hoje, não seria incentivado, pelo contrário, diversas empresas teriam oportunidade de fornecer seus produtos e serviços. Essa liberdade individual, mas com senso comunitário, é algo que chama atenção. Oferecer a todos a mesma qualidade de vida e oportunidades pode ser considerado utópico, na sociedade atual, mas seria assim tão impossível alcançar esse propósito?

Caso o limite populacional da cidade fosse atingido, ela poderia ser expandida. Desse modo, estabelecer-se-ia uma nova cidade em torno da cidade principal com as mesmas características. Essa nova unidade seria interligada à cidade principal através de linhas férreas, levando em consideração o tempo de locomoção entre elas, de aproximadamente 12 minutos.

O plano de Howard despertou grande interesse, chegando a ser aplicado em duas cidades inglesas, Letchworth e Welwyn, antecedendo a difusão do modelo em diversos países na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Embora seja mais diretamente associado aos bairros Jardim América e Pacaembu, em São Paulo, a recepção das ideias do movimento Cidade-Jardim no país também se deu em outras cidades brasileiras, a exemplo de Recife, Salvador, Goiânia e Brasília (OTTONI e SZMRECSANYI, 1997; BIZZIO e ZUIN, 2016; FERREIRA e GOROVITZ, 2009).

## referências

- BIZZIO, Michele R.; ZUIN, João Carlos Soares. A apropriação do ideário cidade-jardim nos condomínios residenciais fechados brasileiros. **Arquitextos**, São Paulo, ano 17, n. 198.00, Vitruvius, nov. 2016. [ [↗](#) ]
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades**. 3. ed. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigues. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FERREIRA, Márcilio Mendes; GOROVITZ, Matheus. **A invenção da superquadra**. Brasília: IPHAN-DF, 2009.
- FISHMAN, Robert. **Urban utopias in the twentieth century**: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier. Cambridge: The MIT Press, 1982.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- HOWARD, Ebenezer. **To-morrow: a peaceful path to real reform**. Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1898.
- HOWARD, Ebenezer. **Garden Cities of to-morrow**. [2. ed.]. Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1902.
- HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Maurco Aurélio Lagonegro. São Paulo; Hucitec, 1996.
- OTTONI, Dácio Araújo Benedicto; SZMRECSANYI, Maria Irene de Queiroz Ferreira. **Cidades-Jardins: a busca do equilíbrio social e ambiental 1898-1998**. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo; FAUUSP, 1997.
- TREVISAN, Ricardo. **Cidades novas**. Brasília: Editora UnB, 2020. [ [↗](#) ]